

Efemérides brasileiras

JORNAL DO BRASIL

LÚCIO ALCÂNTARA*

Vivemos um tempo de tal sorte diferenciado que seria impossível identificá-lo com qualquer outra época. Ao avanço científico e tecnológico – sem paralelo na história da humanidade – correspondem uma economia internacionalizada, caracterizada pela fantástica celeridade nas transações e na circulação de bens e de capitais, e uma autêntica sociedade da informação e do conhecimento. Tudo se transforma: valores, paradigmas, práticas e conceitos cristalizados ao longo do tempo são subvertidos.

O mais dramático em tudo isso é que a força avassaladora das transformações que se processam nos dias de hoje gera um tipo de crise demasiado grave. Não sendo apenas econômica, não se restringindo aos aspectos sociais, não se fixando exclusivamente na política nem atingindo tão-somente a cultura, a crise do nosso tempo também é globalizada.

Um aspecto dessa crise da civilização, em particular, deve chamar nossa atenção. Refiro-me ao processo em marcha, claramente identificado por Eric Hobsbawm em *Era dos extremos – o breve século 20*, de perda da identidade histórica, que, atingindo o conjunto da sociedade, acaba por eliminar nosso vínculo orgânico com o passado, fazendo-nos perder a dimensão do tempo. Perda fatal, pois que dela decorre a absurda sensação de pertencermos a um presente contínuo, em que o passado inexistente e o futuro é uma abstração, como se a vida pudesse começar e se extinguir no curto espaço de nossa existência.

Responder a esse quadro de banalização da própria vida passa a ser imperativo ético e dever moral. É exatamente nessa perspectiva que imagino estar o Senado dando sua contribuição. Ao agregar à sua rotina de trabalho obrigações outras que não as tradicionais, ele oferece à nação alguns instrumentos na luta contra a barbárie, o extremado individualismo, o desenfreado consumismo, a ausência de memória coletiva, a forma e as imagens superando o conteúdo. E o faz, sobretudo, por intermédio de uma política cultural comprometida com a gente brasileira e sua historicidade.

O lançamento de *Efemérides brasileiras*, do Barão do Rio Branco, está longe de ser um fato isolado e esgotar-se em si mesmo. A edição integra um projeto que, ao dar prosseguimento a uma prática de muitos anos, conferiu-lhe organicidade e sistematização, perseguindo o objetivo de oferecer ao público obras de indiscutível densidade, as quais o tempo verteu em clássicos. Foi com essa intenção que se criou, em janeiro de 1997, o Conselho Editorial do Senado, que tenho a honra de presidir. O compromisso é “editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país”. A edição de *Efemérides* é exemplo marcante de fidelidade a esses objetivos.

As quatro grandes coleções editadas pelo Senado buscam compor um quadro harmonioso, amparado em uma visão humanista da história, verdadeiro antídoto às tendências marcantes da vida contemporânea. Com os “Clássicos da Política” pretende-se oferecer alguns dos mais expressivos textos políticos de todos os tempos, num convite à reflexão em torno da experiência da humanidade em relação às questões do poder. “Biblioteca Brasileira”, “Memória Brasileira” e “Brasil 500 Anos” completam a proposta editorial, sempre pautada pelo estudo da realidade brasileira, procurando reeditar obras de elevado valor mas que, para os padrões vigentes, quase nunca despertam interesse comercial.

Esse é o cenário no qual brilha *Efemérides brasileiras*, com introdução do embaixador Luiz Felipe de Seixas Corrêa. Por intermédio dessa obra podemos levar aos brasileiros um pouco do trabalho intelectual de uma das figuras nucleares de nossa história. A monumentalidade da atuação de Rio Branco no campo das relações exteriores – a ponto de confundirem sua figura com os pilares de sustentação da diplomacia brasileira, tamanha sua influência na configuração de um ponto de vista internacional para o Brasil – acabou por encobrir outras facetas de uma personalidade intelectualmente muito rica. O que *Efemérides* faz é exatamente mostrar-nos o trabalho do pesquisador metuculoso, mergulhado na história de seu país, preocupado em selecionar suas passagens mais significativas, apontar seus personagens de maior expressão, identificar fatos e momentos decisivos em sua trajetória.

Claro está que a concepção de história presente no livro é aquela que o século 19 produziu, bastante associada à idéia de “genealogia da nação”. Até nisso a edição é preciosa, por oferecer aos historiadores de hoje a possibilidade de analisar um tipo de historiografia que teve importância decisiva para o conhecimento do Brasil. Rio Branco demonstra que o fato sempre foi e será a matéria-prima do historiador, que a pesquisa é a ferramenta fundamental para a elaboração de um bom estudo histórico e que o conhecimento do passado é condição básica para a compreensão do presente.

Inicialmente escritas para as páginas do **JORNAL DO BRASIL**, as *Efemérides brasileiras* contam nossa história em pequenas notas informativas, cobrindo o período que vai da colonização às últimas décadas do século 19. Eis um esplendoroso exemplo de compilação de dados que somente se torna possível pela via da pesquisa metuculosa. Ocupação e conquista do território, confrontos bélicos, surgimento e consolidação de instituições políticas, nada escapa ao pesquisador interessado em traçar o itinerário histórico de sua pátria.